QUANDO A DANÇA ACONTECE: OS CORPOS EM MOVIMENTO DA CIA. LÁPIS DE SEDA[1]

Giovanna Bittencourt Morastoni[2], Edélcio Mostaço[3], Bianca Scliar[4]

[1] Vinculado ao projeto: Acontecimento e Teatro Performativo: cruzamento, fronteiras, desvios
[2] Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Teatro do CEART, bolsista PIBIC/UDESC
[3] Orientador, Departamento de Artes Cênicas do CEART, hateatro33@gmail.com
[4] Orientadora, Departamento de Artes Cênicas do CEART, bibimove@gmail.com

O projeto de pesquisa *Acontecimento e teatro performativo: cruzamentos, fronteiras, desvios*, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Inter-textos investiga as artes da cena sob a perspectiva da noção de *acontecimento*: uma resultante de procedimentos artísticos que ultrapassam a representação e devolvem à cena sua potência perdida ante o real. E assim, analisa-se, através de estudos de caso, como, onde e porquê o *acontecimento* adensa o tempo-espaço teatral enquanto fato estético e artístico.

Um dos objetos de análise durante o processo de pesquisa – e que resultou neste presente resumo de artigo -, foram as criações em dança da Cia. Lápis de Seda e seu material espetacular disponível *online*[5]. Essa escolha de análise se baseia, sobretudo, em função de seu elenco agregar dez bailarinos(as), sendo 60% (sessenta) de pessoas consideradas portadoras de alguma deficiência intelectual e/ou motora[6], ou seja, por lidar com corpos diversos em seus estudos sobre a dança, o movimento e a inclusão.

A discussão dessas características gerou uma reflexão sobre estruturas de corpos em dança já conhecidas e estabelecidas de maneira hegemônica, através de um padrão de movimento e de reconhecimento, mas que, sob uma perspectiva ética e estética geram várias rupturas no sentido das diversidades envolvidas e suas potencialidades sensíveis. Em outras palavras, identificou-se que o corpo acontece em movimento no tempo-espaço, e assim, reinventa-os, bem como sofre essas ações como reação. A ação de corporificar mundos possíveis, ou seja, aqueles que se propõem inventores(as) de novos espaços e das rupturas produzidas quanto ao tempo, estão enveredando pelo percurso da decolonização, na constante tentativa de forjar outras subjetividades, longe dos paradigmas de pensamento hegemônico.

A partir do conceito de *acontecimento*, nascida a partir de ideias intercruzadas de Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Charles Feitosa, foi possível perceber que quem se propõe ao jogo, abre-se às possibilidades de intervenção na realidade, uma vez que ela se reconfigura. E possibilitam emergir, através da imprevisibilidade de ação dos corpos desviantes da norma estabelecida, uma possível apreensão do *acontecimento* enquanto um devir que provoca as percepções. Ficamos, assim, diante de um ato permissivo, abertos às criações e inventividades

[5] A exclusividade de uso de referência do material digitalizado se dá, principalmente, pelo motivo da pandemia global do tempo presente, mas, *a priori*, o contato seria de modo presencial.
[6] Informações sobre a companhia disponíveis em: <https://www.lapisdeseda.com/>. Acesso em 06/06/2020 às 14:30.

dos corpos que, por explorarem exatamente suas diferenças em relação aos corpos tomados como modelos para a dança, podem explorar outras dimensões e outras intensidades. Corpos, portanto, que dançam aquilo que alguns julgam improvável e corpos que provocam as sensibilidades do dançar, em modo singular por serem singulares em suas composições, densidades poéticas rítmicas e de proposição no espaço.

Para situar estes corpos em *acontecimento*, – ainda de uma perspectiva filosófica –, trago o conceito de *neurodiversidade*, formulado por Erin Manning, que alude às questões do devir nas artes que reverberam em devires políticos e sociais recriando outras conjunturas do sentir-ser no mundo. Para que fosse evidenciada a pergunta sobre a potencialidade dos corpos e o que envolve o ato de dançar, afirma Manning: "Um pensamento movente é elástico. Sempre começa no meio, no meio da experiência. Esta é outra maneira de dizer que começa em movimento. Pois o mundo não é nada, senão movimento contínuo" (MANNING, 2013, p. 6). Isso alicerça um devir experiência, quando se encontra uma potencialidade de rompimento da continuidade da ideia do corpo padrão, mas, sobretudo, assume-se um engajamento no ato de propor novas construções de movimentações e de corpos que se movimentam, assim, criando repertórios além daqueles consagrados como possíveis em dança.

Finalizo com uma provocação sobre os movimentos, sejam eles em dança ou sejam eles no ato de existir político, (neste caso uma coisa está diretamente conectada a outra). Uma vez que abre-se a atualização da questão sobre o ato de evocar sensações, já que os corpos são políticos à medida que sentem e induzem o sentir alheio. Um corpo é em si um estar em possível potência e pujança para se tornar potência em devir, um existir mais que agora, um estado de presença que, aguçado através da sensibilidade para o que pode ser um *acontecimento* ou um movimento fora da norma, torna-se um desvio rumo ao fora, ao criar colapsos de uma existência estribada sobre a inventividade, e mais, de uma inventividade sobre o ato político. Segundo Manning, "através do gesto do toque, um momento político é exposto, um momento de transição, um momento de ininteligibilidade. Nesta impossibilidade de compreensão meu corpo torna-se o modo de articulação." (MANNING, no prelo, 2006). E, assim, a dimensão do dilacerar, arrepiar, chocar, alcançar, movimentar, dançar, etc., é dilatada, amplificada para sempre continuar a perceber os devires das nossas percepções e atenções.

palavras-chave: dança; movimento; *acontecimento*; *neurodiversidades;* devir.